



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

A ESTRATÉGIA DOS PRIMEIROS FILÓSOFOS

FELIPE LUIZ¹

RESUMO

O presente artigo pretende analisar a formação da filosofia a partir de um fundo mítico de Homero e Hesíodo, dentre outros, entendendo-a como uma estratégia histórica. O conceito de estratégia histórica é extraído do pensamento de Michel Foucault, filósofo francês de meados do século XX, e aplicado sobre a produção de Anaximandro de Mileto, Heráclito de Éfeso e Xenófanes de Colofão fundamentalmente, embora se discorra brevemente sobre outros autores. Dá-se especial ênfase a terminologia dos primeiros filósofos, salientando os termos gregos *arché* e *logos*. O artigo se baseia em uma pesquisa em desenvolvimento há muitos anos, expondo conclusões parciais; pesquisa esta efetuada através da leitura, fichamento, análise e comentário de textos filosóficos, tendo chegado à conclusão de que a filosofia pode ser encarada como uma estratégia histórica.

Palavras-chave: Estratégia. Anaximandro. Heráclito. Xenófanes.

Abstract: The present paper intends to analyze the formation of philosophy from a mythical panorama of Hesiod and Homer, and others, understanding it as a historical strategy. The concept of strategy is extracted of Michel Foucault's thought, a French philosopher of the Middle XX century, and applied to the production of Anaximander of Miletus, Heraclitus of Ephesus and Xenophones of Colophon,

1. Instituição/Afiliação Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Mestre em Filosofia na FFC-UNESP/Marília.

DOI: 105935/2179-9180.20230001

fundamentally, although we debate briefly others authors. Special emphasis is put over the terminology of the first Philosophers, stressing the terms logos and arché. The paper is based on research under development since many years, and exposes partial conclusions; research which is effected through the reading, filing, analyzing and commentary of philosophical texts, concluding that philosophy can be viewed as a historical strategy.

Keywords: Strategy. Anaximander. Heraclitus. Xenophones.

INTRODUÇÃO

Há uma forma muito bem assentada de se contar a história da filosofia. Antes de Platão e Aristóteles, as figuras cimeiras da filosofia antiga — muito devido ao fato de que suas obras, por acaso do destino, ou não, sobreviveram ao tempo —, houve filósofos. Por isso, se classifica a filosofia como pré-socrática e pós-socrática. O termo, embora consagrado, é muito mal posto. Uma divisão meramente cronológica não é seguida; Demócrito foi contemporâneo de Sócrates e, apesar disso, é classificado como pré-socrático. Tampouco a divisão é meramente temática; antes de Sócrates, variados autores abordaram questões éticas ou políticas. Menos ainda se trata de uma divisão metodológica; afinal, também Parmênides opera por divisões, tal qual Platão em alguns diálogos. Trata-se de uma divisão em cujo seio encontra-se mais elementos da tradição do que elementos propriamente filosóficos. Não que se deva diminuir a importância de Sócrates, mas não se deve, apesar desse renome, minimizar os autores prévios, não importa o estado de suas obras, por vezes fragmentárias.

A forma tradicional de narrar a história da filosofia nos diz que ela começou nas colônias jônias, na atual Turquia, e que teve como primeiro representante Tales de Mileto, o qual é também classificado como um dos sete sábios da Grécia, embora não tenha deixado escritos. Há citações de Tales, por exemplo, em Diógenes Laércio, mas são poemas de cunho mais religioso que filosófico. Ele ainda teria legado discípulos, Anaximandro e, este, Anaxímenes, perfazendo a primeira escola de filosofia, a milésia. Juntamente com Heráclito e outros autores menores, eles comporiam a escola jônica, em contraposição às filosofias eleática e pitagórica. Se a estas somarmos a produção atomista e sofista e também Anaxágoras e Empédocles, teremos o quadro completo da filosofia pré-socrática. A filosofia teria surgido em contraposição ao mito, mythos, em contraste ao logos dos filósofos, pautados em distintas histórias.

Os primeiros filósofos, os milésimos, se caracterizariam por terem pensado a *arché*, princípio, da *physis*, natureza, em termos de elementos materiais. Assim, Tales teria afirmado que essa *arché* é a água, Anaximandro, o *apéiron*, vertido como indeterminado, e Anaxímenes, o ar, além de Heráclito, que teria posto no começo e fundamento do mundo o *pyr*, fogo. Essa é a caracterização de Aristóteles, no livro primeiro da *Metafísica*. Ele ainda nos fornece outras indicações. A filosofia teria surgido quando as ciências da utilidade já estavam constituídas, sendo apanágio das classes ociosas. Daí que se depreenda vários elementos; por exemplo, a filosofia

é própria às pessoas abastadas, ou ainda a filosofia seria inútil, mero deleite que, se bem demandada para a vida mais digna, a contemplativa, pouco serviria ao vulgo e aos processos necessários à manutenção e reprodução da vida.

O objetivo desse trabalho é se contrapor a essa forma tradicional de narrar a história da filosofia, apresentando esta como fundamentalmente uma estratégia histórica, que lançou as bases da civilização ocidental. O que se deve entender por estratégia histórica é explicado na primeira parte. Na segunda são apresentados elementos para a interpretação de Anaximandro, primeiro prosador da história do Ocidente, e da escola jônica como um todo. À guisa de conclusão, apresentamos as consequências de nossa perspectiva para a filosofia contemporânea.

O QUE É ESTRATÉGIA HISTÓRICA?

Estratégia é um termo polissêmico, expandido por todos os ramos do pensamento contemporâneo, inclusive do senso comum. A origem remonta o termo grego *strategos*, general. No grego arcaico basta que se coloque o artigo neutro na frente do substantivo para substantivá-lo e dar uma ideia de generalidade. Assim, *ta mathematika* seriam as coisas relativas ao ensino; já *ta strategia* seriam as coisas relativas ao general. No entanto, segundo Luttwak (2001), os gregos se valiam de outros termos para indicar o saber do general: *strategike episteme* (ciência do general) ou *strategon sophia* (sabedoria do general). Mas o termo mais difundido seria *taktike techne*, arte da tática. É fato que somente muito tardiamente o termo estratégia passou a ter a significação que hoje lhe atribuímos, com von Bülow, já durante as guerras napoleônicas. O mais certo é que com Clausewitz, o maior autor militar do Ocidente, o termo entra definitivamente no vocabulário *savant* dos militares e teóricos.

A história da estratégia, por esses motivos, é mutilada. A ideia, que pode ser traçada há milênios, como mostra Chaliand (2009), precedeu a palavra que a indicasse. Ainda Napoleão preferia o termo grande tática, o que indica as dificuldades da empreitada.

Não é nosso intento aqui traçar a história do termo estratégia, mesmo porque não nos fiaremos em uma definição militar, mas ontometodológica. Basta indicar que vários autores dão definições distintas do termo estratégia. Vejamos três. Para Clausewitz estratégia é a utilização das batalhas no correr da guerra. Liddel Hart pensa em termos de grande estratégia, ou seja, da política de guerra, a qual almeja a paz. Já para Beaufre, a estratégia é a arte de se conduzir na dialética das vontades em um quadro belicoso (LUIZ, 2019).

Nossa definição de estratégia histórica se assenta nos trabalhos de Foucault. Na obra deste encontramos cinco definições de estratégia, que podem ser reduzidas para três: *estratégia arqueológica*, *estratégia de comando* e *estratégia histórica* (LUIZ, 2021). As denominações são de nossa lavra, posto que Foucault ele mesmo não as denominou como ora o apresentamos, à exceção da última, cognominadas por comentadores muito próximos a ele chamada de estratégia sem sujeito. Mas este nome faz crer que não haja sujeitos envolvidos, o que é um erro; o que não há é um gênio estrategista pensando o mundo, o que não há é uma arché na história.

Explicuemos. Para Foucault, a lógica que governa o ser é uma tal que belicosa; é o prélio entre as coisas que explica seu devir e origens, além da configuração atual. Nessa pugna, as coisas, ao se enfrentarem, se tornam o que são. Destarte, nada pode ser naturalizado ou tomado como essência; a verdade das coisas, inclusive esta mesma, se processa em um ambiente de hostilidade, e as cicatrizes das batalhas é o que constituem o corpo mesmo do devir das coisas.

Não se trata de um mero neomarxismo, como quer Gros (2012). Foucault é mais radical; para sermos exato, Foucault é uma radicalização das teses marxistas; onde este se pauta no historicismo e no sociologismo, Foucault é ainda mais historicista e sociologista. Enquanto que, para Marx, ele fazia ciência, em contraposição às produções dos socialistas utópicos ou da ideologia burguesa, Foucault considera que sua genealogia é uma anti-ciência e a verdade, que o marxismo salvava de se imiscuir na luta de classes, é ela mesma politizada, visto que o saber é, ele mesmo, político (LUIZ, 2020).

Se a grade de inteligibilidade do mundo é belicosa, o melhor modelo para que o compreendamos somente pode ser, ele mesmo, belicoso. É no saber, nas técnicas e nos conceitos dos gerais que devemos nos fiar para dar à lume uma teoria que sirva como arma de guerra no conflito social. Daí a utilização dos termos tática e estratégia. Como é na luta entre as partes que o devir se forma, cada ato é tático com repercussões estratégicas. Assim se formam estratégias históricas, onde se decide o mundo. Já que essas estratégias não dependem da volição de um sujeito, mas ao contrário são pura exterioridade da luta entre os oponentes, diz-se que elas são sem sujeito, terminologia inapropriada, conforme notamos.

O capitalismo, nesse sentido, é uma estratégia histórica, assim como o Estado, as religiões, etc. Todo um conjunto de instituições e campos sociais pode ser explicado nessa forma. Em fato, podemos dizer que *o mundo não é nem a totalidade das coisas nem dos fatos, mas das estratégias*.

E a filosofia com tudo isso? Será ela também uma estratégia? É o que tentamos provar na sequência do texto.

COMO ENTENDER A FILOSOFIA COMO ESTRATÉGIA: OS JÔNICOS

O mito pode ser entendido como antessala da filosofia. Não vamos tão longe quanto Kranz (s.d.) e afirmar que já Homero é filósofo. O pensamento mítico, assim como o puramente literário pode ser distinguido, em que pese que essa distinção possa ser anacrônica.

As principais fontes da mitologia grega são os poetas, especialmente Hesíodo. Este teria sido um agricultor da Beócia, uma região da Hélade que nos legou um pensamento complexo, ao sistematizar a mitologia. Ele descreve a origem do mundo, a genealogia dos deuses, a organização social, etc. Hesíodo narra as peripécias de deuses antropomorfizados, deuses que lutam uns contra os outros, têm filhos, vivem, comem, bebem. No mundo de Hesíodo, os homens são a imagem e semelhança dos deuses, mas são mortais. O destino de cada qual, os mares, os

terremotos, o relâmpago, o raio, etc., tudo isso é controlado pelos deuses, que decidem os rumos do mundo segundo sejam honrados ou não.

A filosofia surge como forma de se romper com esse pensamento. Mas o mito é já uma classificação do mundo, uma ordenação, uma explicação, ainda que animista. A sociedade de Homero e Hesíodo, uma Grécia que se reerguia após a Idade Negra, quando o mundo micênico ruiu, era uma sociedade em vias de dar origem ao mundo clássico, à *pólis*, com sua organização específica, e suas produções intelectuais. O mundo da filosofia não é o mesmo mundo do mito. Não que a religião tenha deixado de existir; ao contrário, se manteve, passando por muitas modificações e o *mythos* continuou sendo forma essencial de apreensão do mundo. Mas alguma coisa havia mudado. Os discursos que pretendiam explicar o mundo agora eram completamente racionais, eram um *logos*, não um *epos*.

Logos é um termo interessante. Seu aoristo, um marcador de tempo e de aspecto da língua grega, é *eipein*. O aoristo indica que uma ação ocorreu uma vez, de maneira pontual, como a diferença entre fazia e fiz; o aoristo corresponde a esta última. *Logos*, como se sabe, é um nome derivado do verbo *legein*, falar, mas também recolher. Seu aoristo seria disse. *Eipein* e o *epos*, a palavra do poeta, de onde deriva o termo português épica, guardam relações. A palavra do poeta é sobre a origem *genesis* do mundo, é sobre como o mundo foi feito e se constitui até hoje. Na *Teogonia*, o vocabulário de Hesíodo é claro, utilizando muitas vezes o verbo *gignomai*, devir. Para Hesíodo o mundo começou com *Khaos*, abismo. Dele teria se gerado a Noite, o Céu, a Terra e todas as outras divindades. Hesíodo utiliza o termo *arché* na *Teogonia* apenas no sentido de princípio, quando o termo guarda outros significados, conforme veremos. Retornando ao termo *logos*, a divisão é, portanto entre *eipein* e *legein*, *epos* e *logos*, ou passado e presente. Quando os filósofos vão introduzir o termo *logos* é para tratarmos do presente, do que hoje ocorre ao invés de ficarmos presos em genealogias de deuses e outras divindades.

Outra noção rupturadora importante que a filosofia introduz no século VI a.C. é o termo *arché*. Conforme vimos, ele aparece em Hesíodo com o sentido de começar algo. Mas *arché* tem outro significado, que é comando, império; como verbo “ser o primeiro”, “comandar”. E muitos outros significados derivados como *archonte*, *triarchas*, etc. Ao mesmo tempo, ela significa, mais comumente, princípio; é uma palavra de uso corrente no grego.

De Tales, não nos restou nada escrito e uma tradição afirma que ele nada escreveu. Diógenes Laércio (Vidas I 1, 35) atribui o seguinte poema a ele:

Mais velho dos seres [é] deus: ingerado, pois
Mais belo, [o] kosmos: obra de deus
Maior, [o] espaço: tudo, pois, contém
Mente, a mais rápida: através de tudo, pois corre
Mais forte, necessidade: domina, pois, tudo
Mais sábio, tempo: tudo, pois, revela

O termo que Tales utiliza para dominar é *kratei*, não *archei*. No poema se nota um pensamento naturalista. Já não são divindades, posto não serem

indicadas com maiúscula, como em Hesíodo. São entidades naturais. Um salto ocorreu, malgrado se faça referências a deus.

A revolução se completa com Anaximandro, sucessor de Thales e, segundo uma tradição muito antiga, seu discípulo. “Anaximandro pode ser considerado como o criador da ciência grega e, com isso, da ocidental” (GOMPERZ, 1922, p. 42). Há uma polêmica se Anaximandro teria introduzido o termo *arché* para esse princípio que comanda ou se ele teria sido o primeiro a introduzir a noção de *apeiron*. Assumamos que ele introduziu primeiramente ambos. O fragmento de Anaximandro que sobreviveu é o seguinte:

...heteran tina physin ápeiron, ex ēs ápantas gínesthais toús ouranoús kai toús en autois kósmous. ēx ón dē ē génesis esti tois ousi, kai tēn phthoran eis tauta ginesthai katà tò khreón. didónai gār autà díkēn kai tísin allēlois tēs adikías katà tēn tou khrónou táxin (SIMPLÍCIO apud KIRK et ali, 2005, p. 117)

Traduzido fica: “uma outra natureza *apeiron*, de onde tudo devem, os céus e aquilo que está nos mundo. De onde é a origem dos seres, a destruição para a mesma devém, segundo a necessidade. Dão, pois, uma à outra justiça e castigo pela injustiça segundo a ordem do tempo”. Anaximandro chamou o *apeiron* de *arché* e notou-lhe como a origem e a finalidade do mundo, circunscrevendo o espaço onde os seres podem vicejar. Trata-se de uma filosofia da história, a primeira não religiosa, ao menos do Ocidente. Que isso não espante a ninguém: Anaximandro é o primeiro (*archetai*) em muitas coisas. Kahn (1960) mostra como Anaximandro é a fonte oculta da filosofia grega, como ele está na origem de muitas ideias depois tornadas moeda corrente:

Então, dos milésios a Empédocles há um esquema teológico comum respondendo por aquilo que mais tarde será chamado “os elementos”. Este esquema toma a forma de uma reinterpretação da cosmogonia mítica na qual o princípio cósmico fundamenta é o pai e governante dos deuses, os poderes elementos seu rebento divino e pais, por sua vez, das coisas mortais. É precisamente este esquema o qual Platão desenvolve no *Timeu*. A velha fórmula mítica reaparece em sua descrição do modelo ideal e do receptáculo material da criação enquanto pai e mãe da criança cósmica (KAHN, 1960, p. 158)

Anaximandro pensa esse começo do mundo, o qual continua a reger tudo, e para o qual as coisas se dirigem, como *arché*. O termo não é inocente. Vernant pensa que Anaximandro viu no *kosmos* a bela ordem que existia na *polis* de seu tempo e jogou aos céus a organização política então reinante. É fato que há uma série de metáforas judiciais na sentença de Anaximandro e esta grande metáfora política. Outros termos do grego indicam princípio, além de *arché*, termos como *epistrophos*, “que é a causa de”; ou *puthmēn*, “fundamento de algo”; mas Anaximandro escolheu precisamente *arché* unindo ao começo a ideia de comando. Faz sentido, se seguirmos a via de pensamento de Kahn e de Kirk, Raven e Schofield, visto que Anaximandro está no limiar da mitologia e não podia se desfazer completamente desta. Ao *Zeus Pater* de Hesíodo, que *kratei* o mundo, Anaximandro substituiu um *apeiron*

que *archetai*. Isso fica ainda mais claro na sentença: o apeiron determina tanto a origem como o fim dos seres; trata-se de uma teleologia, malgrado Prates e Silva (1992) não concorde.

Sobre o termo *logos*, introduzido por Heráclito em DK 1, já tratamos bastante. Quanto a Xenófanés, que, embora tenha feito carreira no Ocidente, era também jônico, basta que citemos duas de suas passagens:

Mas se mãos tivessem os bois, cavalos ou leões
E manualmente desenhassem e trabalhos cumprissem
[Como homens
Cavalos à moda dos cavalos, bois como bois
As formas de deus desenhariam e seu corpo fariam
Isto conforme o corpo que cada um tem (DK 15)

E a outra: “da terra tudo deveio, na terra tudo se esvai” (DK 27). Vê-se uma animosidade aqui também contra a religião tradicional. Em fato, Xenófanés defende um deus uno, um princípio somente, contra o politeísmo de um Hesíodo. A religião tradicional grega é claramente escanteada em benefício de um Uno indeterminado.

CONCLUSÕES

Conforme nossa definição de estratégia, a filosofia pode ser pensada, nos primeiros filósofos, como uma estratégia contra a religião tradicional grega. A filosofia preparou a emergência do mundo clássico ao se opor àquela sociedade de trocas, que Finley (1982) analisa tão bem, própria ao mundo homérico-hesíodico. Dizemos que ela pode ser considerada uma estratégia histórica tanto graças ao seu vocabulário belicoso, quanto pelo fato de ela se opor à religião tal qual constituída, se opor ao *mythos* em relação ao *logos*, ao novo discurso que se formava e que iria, nos séculos seguintes, se impor à toda bacia do Mediterrâneo e, mais tarde, a todo o mundo ocidental.

REFERÊNCIAS

- BERGE, D. **O logos heraclítico**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969
- CREVELD, M. van. **The Art of War - War and Military Thought**. London: Cassel, 2000
- DIELS, H. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1960
- DIOGENES LAÉRCIO. **Lives of eminent Philosophers**. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann, 1959
- FINLEY, M.I. **The World of Odysseus**. USA: Pelican Books, 1982, 2ª ed.
- GOMPERZ, T. **Griechische Denker**. Berlin und Leipzig: Walter de Gruyter, 1922
- KAHN, C. **Anaximander and the origins of Greek cosmology**. New York: Columbia University Press, 1960

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos**. 5. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005

KRANZ, W. **Die Griechischen Philosophie**. Bremen: Carl Schüneman Verlag, s.d.

LUIZ, F. **Anaximandro, a teleologia e a história**. *Diaphonía*, v. 4, n. 2, 2018.

_____. **Uma reflexão introdutória sobre o polemos no fr. 53 DK de Heráclito**. *HYPNOS*, São Paulo, v. 45, 2^o sem., 2020, p. 281-291

LUTTWAK, E. **Strategy: the logic of war and peace**. Cambridge/London: Belknap Press of Harvard University Press, 2001,

PRATES E SILVA, R. C. B. **A justiça cósmica (um estudo sobre Anaximandro de Mileto)**. Tese de Livre-docência, Araraquara: FCL-UNESP, 1992